



Tema central: Esportes na Idade Mídia - diversão, informação e educação

Identidades midiático-tecnológicas da pesquisa em Comunicação na América Latina¹

Maria Cristina GOBBI²

UNESP – Univ Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho

Resumo

Os últimos 50 anos têm sido marcados por grandes acontecimentos. O mundo globalizado, onde as fronteiras não resistem aos avanços das tecnologias, viu coisas grandiosas acontecerem, como os movimentos ambientalistas mundiais pela preservação dos recursos naturais do planeta; o mundo chega aos 7 bilhões de pessoas. A criação do *Kinect*, desenvolvido pelo brasileiro Alex Kipman, o uso dos aparelhos celulares se popularizou; a tecnologia 3D pode ser encontrada nos televisores de última geração, computadores, notebooks etc. Essas são algumas pílulas dos avanços sociais, impulsionados e muitas vezes facilitados pelas tecnologias da comunicação. É neste cenário que reside o projeto IPEA/SOCICOM do Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil 2011-2012, trazendo indicadores do desenvolvimento da comunicação no país, utilizando para isso a pesquisa bibliográfica e documental.

Palavras-chave: América Latina; Mídia; Tecnologias Digitais; Cultura; Juventude

Aportes iniciais

Aparentemente silenciosa, mas cotidianamente intensa a mudança social mediada pelas tecnologias digitais, tem impulsionado o ritmo frenético das mudanças e das adaptações do dia-a-dia, por um lado e solidificam ações, definem novos espaços de interação e de participação, verbalizam crenças e costumes e redefinem os conceitos de tempo, por outro.

¹ Trabalho submetido ao GT Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais na América Latina, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Fortaleza, 2012.

² Pesquisadora. Pós-Doutora pelo Programa de Integração da América Latina (PROLAM) da Universidade de São Paulo. Bolsista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Coordenadora da pesquisa sobre o Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil 2011 – Tema 1: Estado do Conhecimento, cuja meta é diagnosticar a produção de conhecimento nos principais segmentos da comunicação nacionalmente institucionalizados. Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Televisão Digital e professora do Programa de Pós-Graduação Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Pensamento Comunicacional Latino-Americano” do CNPq. Coordenadora do GT Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais na América Latina da Intercom. E-mail: mcgobbi@terra.com.br.

É possível afirmar que existe um aparente dinamismo na chamada cultura digital ou nossas vidas, permeadas por ela, está assumindo outras características na dinamização do tempo-espaço? O desafio de lidar com essa reconfiguração entre o real e o virtual nos coloca diante de cenários muitas vezes ainda inexplorados. A nossa geração, chamada por alguns autores de imigrantes digitais, tem tentado se adaptar a esses novos conceitos, promovendo rupturas muitas vezes débeis e outras vezes prematuras. Há nos discursos uma aparente contradição entre o real papel da mídia e das tecnologias digitais no fazer comunicação com qualidade.

A sociedade, de modo geral, tem deixado para segundo plano as reflexões sobre as consequências dessa visível transformação no comportamento social, nas questões culturais, educacionais, cidadãs e éticas emolduradas pelas tecnologias digitais. Podemos falar em explosão da internet, do e-mail, em informação sem fronteiras, quer sejam geográficas, morais, culturais e éticas possibilitadas pelos hiperlinks³ e/ou hipertextos⁴ que permitem a navegação sem fronteiras; mas, por outro lado, essas ligações nos obrigam a concisão, escrevendo pouco, tendendo para a instantaneidade da informação; a liberdade vigiada; a invasão de privacidade quer por vírus ou hackers, definem outros valores que se modificam em função dos novos comportamentos da sociedade.

O que dizer do processo de comunicação, onde o diálogo se estabelece a partir de duas ações básicas – ouvir e falar -, e nas tecnologias digitais todos devem ter voz e isso ocorre ao mesmo tempo, determinando um novo ritmo de comunicação, mais próximo ao que definimos como monólogo e não como feedback.

Internet na TV, vídeo no celular, rádio na Internet, a convergência de mídias cresce a cada dia graças à tecnologia digital. Estamos no meio de um processo de transição onde as mídias estão cada vez mais digitais, mas será que nesse turbilhão de transformações é possível entender as mudanças que vêm ocorrendo na comunicação? Seus reflexos na

³ Nota da autora. Hiperlinks, ou simplesmente links permitem o acesso fácil entre as diversas páginas (navegação) e mesmo a movimentação rápida dentro de um texto longo. Na verdade o hiperlink não passa de um comando como o ícone que se clica para iniciar um programa ou abrir um arquivo. Sua forma e aparência mais comum é um texto azul com um traço embaixo. Mas o link pode ter a forma que se desejar até mesmo uma figura. Disponível em <http://www.neomaxima.com.br/Criando%20minha%20pagina/Hiperlinks.htm>, pesquisador em jun de 2009.

⁴ Nota da autora. A ideia de hipertexto é recente, “cunhado por Theodor H. Nelson, que o propôs pela primeira vez em 1965, numa comunicação apresentada à Conferência Nacional da Association for Computing Machinery, nos Estados Unidos. O hipertexto é uma forma não linear de apresentar a informação textual, uma espécie de *texto em paralelo*, que se encontra dividido em unidades básicas, entre as quais se estabelecem elos conceptuais”. Disponível em <http://www2.fcs.unl.pt/edtl/verbetes/H/hipertexto.htm>, pesquisado em jun de 2009.

sociedade? E o que significa essa nova tecnologia chamada de digital?
(AGUIAR, 2009, web)

São questões como essas que norteiam nossas reflexões e delimitam nossas dúvidas. A instantaneidade propiciada pelas tecnologias digitais nos permite novas formas de fazer e pensar a comunicação. Trata-se de uma revolução do processo comunicativo associado ao avanço tecnológico. Novos cenários, desafios e possibilidades afloram frente às tecnologias digitais. Nem *integrados* e nem *apocalípticos*, parafraseando Umberto Eco, acredito que devemos estar abertos diante das novas possibilidades digitais, mas sem esquecer que vivemos em uma sociedade em que a comunicação é o ponto de partida, mas também é o de chegada.

Cultura digital: quantos gigabytes são necessários?

“Vida Digital”, “Geração Digital”, “*N-Generation*”, “Sociedade sem Papel”, “Infoera”, “Galáxia Internet”, Comunicação on line, Sociedade Digital etc. Estes são alguns dos muitos títulos dos estudos que tentam compreender esse novo cenário. A Lei de Moore⁵ afirma que, “a capacidade de processamento dos computadores dobra em média a cada 18 meses”. Para se ter uma ideia dessa evolução e da rapidez com que ela acontece, vamos fazer uma breve retrospectiva histórica.

A Internet começou a ser idealizada em 1957, no auge da Guerra Fria, quando o governo americano anunciou a criação do Advanced Research Projects Agency (ARPA). Inicialmente o projeto tinha a missão de pesquisar novas tecnologias para as forças armadas, mas cinco anos depois, a ARPA em conjunto com a Rand Corporation, passou a elaborar um plano que garantisse com segurança que as comunicações governamentais não fossem destruídas no caso de um ataque inimigo.

Mas foi em 1989 que grande salto do conceito da web foi dado. Como afirma Ravache (web, 2009),

[...] o físico inglês Tim Berners-Lee trabalhava como pesquisador no Cern, um laboratório de partículas físicas próximo de Genebra. Naquele ano, Berners-Lee mandou para seus chefes no instituto um relatório

⁵ Até 1965 não havia nenhuma previsão real sobre o futuro do hardware, quando o então presidente da Intel, Gordon E. Moore fez sua profecia, na qual o poder de processamento dos chips teria um aumento de 100% a cada período de 18 meses. Essa profecia tornou-se realidade e acabou ganhando o nome de Lei de Moore. Disponível em pt.wikipedia.org/wiki/Lei_de_Moore, pesquisado em jun de 2009.

aparentemente incompreensível, com o título **Information Management: a Proposal** (Gestão de Informação: uma Proposta). Ele descrevia o que imaginava ser uma rede mundial de computadores, a World Wide Web. Berners-Lee falava de textos interligados por hyperlinks. Você clicaria em um link - podia ser uma palavra, imagem ou ícone - e seria direcionado para outras páginas. Seus superiores responderam ao relatório com o seguinte comentário: "Vago, mas instigante". Berners-Lee continuou sua pesquisa. Em 1991, a ideia ganhou forma. Nascia a internet. Berners-Lee assegurou seu lugar na História como o homem que revolucionou o mundo das comunicações.

A partir deste momento os “fios” da grande rede mundial não tiveram fronteiras. Ultrapassaram todos os limites, sem restrição de cultura, de língua, de posições políticas e padrões de vida. Não separa por sexo, cor, raça ou religião. Não existe barreira capaz de parar esta rede. Faz parte da vida de muitos de nós na atualidade.

Até pouco tempo atrás, o desafio de fazer a volta ao mundo em 80 dias parecia possível para poucos. Hoje podemos, via Internet, arrumar as malas e viajar pelos quatro cantos do mundo, rumo aos nossos maiores sonhos, com apenas o teclar de um dedo. Os caminhos do ciberespaço, como os do Planeta Terra, são muitos, possibilitando as mais diversas, inesperadas e surpreendentes descobertas.

A revolução se encontra no ponto em que a linguagem digital permite que em uma mesma plataforma transmita as mais variadas informações (textos, hipertextos, vídeos, sons, imagens). Isto somado a presença universal dos computadores e da extensa rede de comunicação, que se estende pelo planeta, faz com que em uma questão de segundos tenhamos uma quantidade de informações jamais dantes sonhadas (SANTOS, MENDOZA, 2001, web).

Outro fator que merece destaque é que além das possibilidades de sentarmos em nas poltronas confortáveis de nossas casas e esperarmos a compra que fizemos via web chegar, trazendo para o plano da economia de tempo e dinheiro, há uma mudança significativa no processo de comunicação. Textos longos, cansativos, em uma linguagem difícil e fria não são mais as únicas formas disponíveis de comunicação. Hoje, podemos passar para o amigo do outro lado da telinha emoções como tristeza, alegria, choro, surpresa, etc. Antes, isto somente seria possível frente a frente, utilizando as variantes de seu tom de voz e em suas expressões faciais. Cria-se uma nova linguagem de comunicação, os ícones de emoções.

Os celulares ‘também’ permitem a comunicação entre pessoas, visto que o grande mote é oferecerem possibilidades de tirar fotos, enviar e receber e-mails, filmar, jogar,

assistir televisão, ouvir rádio, gravar voz e, claro, fazer ligação telefônica. São quase “minicomputadores de bolso”.

E o que dizer da internet e de suas múltiplas possibilidades, quer pelas redes sociais ou mesmo pelo e-bussines, e-commerce⁶, entre outros. Para se ter uma ideia do volume de negócios (e-bussines), de acordo com dados pesquisados na web, em 2009 a projeção de faturamento é de de R\$ 10,5 bilhões, com um significativo crescimento de 25% comparado com 2008. E sua expansão não para por aí. Os sites, as páginas deixam de ser estáticos para se tornarem espaços ricos de pesquisa de informações e comercialização de produtos, das mais variadas espécies. Além disso, a própria dinâmica da vida atual exige cada vez mais cidadãos antenados, capazes de desenvolverem diversas habilidades e isso movimenta o mercado de novos aparatos tecnológicos, capazes de oferecer a sensação da inclusão nesses múltiplos cenários. De fato o que podemos afirmar é que nossa vida, cotidianamente está sendo modificada pelas tecnologias.

Realmente quando partimos da ideia inicial de Internet, passamos pela mudança no processo comunicativo e chegamos até a atualidade, um grande saldo foi dado. Mas como entra a Cultura e a Educação nessa imensidão de possibilidades do mundo digital?

Acredito que inicialmente precisamos de um conceito mais preciso sobre cultura digital e a definição dada pelo ex-ministro da Cultura, o cantor e compositor Gilberto Gil, em uma aula ministrada no campus da USP em São Paulo, e disponível na web, em vários endereços, expressa e externa a importância da cultura digital na atualidade. Para ele,

Cultura digital é um conceito novo. Parte da ideia de que a revolução das tecnologias digitais é, em essência, cultural. O que está implicado aqui é que o uso de tecnologia digital muda os comportamentos. O uso pleno da Internet e do software livre cria fantásticas possibilidades de democratizar os acessos à informação e ao conhecimento, maximizar os potenciais dos bens e serviços culturais, amplificar os valores que formam o nosso repertório comum e, portanto, a nossa cultura, e potencializar também a produção cultural, criando inclusive novas formas de arte.

A tecnologia sempre foi instrumento de inclusão social, mas agora isso adquire novo contorno, não mais como incorporação ao mercado, mas como incorporação à cidadania e ao mercado, garantindo acesso à

⁶ Nota da autora. “Precisamos diferenciar e-business de e-commerce, dois conceitos bastante confundidos. Ao contrário do que muitos pensam e-business não é apenas o comércio realizado pela internet; isto é e-commerce, uma de suas partes. O conceito de e-business vai muito além e engloba todas as atividades de uma empresa. Podemos o definir como a integração de diversas atividades organizacionais através do auxílio de sistemas de informação, a qual possui a internet como meio de comunicação”. Disponível em <http://www.brasilecola.com/informatica/ebusiness.htm>, pesquisado em jun de 2009.

informação e barateando os custos dos meios de produção multimídia através de ferramentas novas que ampliam o potencial criativo do cidadão.

Somos cidadãos e consumidores, emissores e receptores de saber e informação, seres ao mesmo tempo autônomos e conectados em redes, que são a nova forma de coletividade.

O avanço da tecnologia digital resultou no fenômeno da convergência das tecnologias, que torna possível, por exemplo, que um telefone celular, em si um “milagre”, possa ser, ao mesmo tempo, uma câmara de fotografia e de vídeo, um computador de bolso com acesso à Internet e um receptor e um emissor de televisão. Um telefone celular caminha para ser uma central multimídia. Um cidadão com um celular pode ser um repórter, produtor de um conteúdo que pode ir ao ar a partir do seu telefone celular.

(...) O digital responde a uma mudança de paradigmas maior, a uma mudança cultural muito ampla. Rede, conexão e compartilhamento são características desse novo momento em várias áreas, e não apenas na tecnologia de comunicação. (Trechos da Aula Magna proferida pelo ex-ministro Gilberto Gil na USP, em 10 de agosto de 2004).

Essa definição - a meu ver, completa - evidencia que a cultura digital é um produto derivado de um movimento amplo e pleno da sociedade. Mas não podemos e nem devemos atribuir a ela toda a formação cultural de nossa sociedade. Podemos sim afiançar que existe um movimento vasto, capaz de ampliar os espaços de divulgação e de possibilitar novas formas de criação da cultura, especialmente aquelas disponibilizadas pelas tecnologias digitais.

Comunicação: possibilidades frente às tecnologias digitais

A explosão mundial da Internet é indiscutível. O ciberespaço tornou-se o lugar mais procurado e frequentado de todos os tempos. Na esteira dessa explosão foram criados negócios, profissões e múltiplas atividades, além de ampliar as próprias formas de interação, de participação e de trocas, clamando por uma rápida mudança de todo o cenário comunicativo, educacional e cultural. O uso, cada vez mais frequente, das tecnologias digitais tem estimulando novas áreas do conhecimento e vem acelerando a busca de informações e de conhecimentos que deve ser cada vez mais aplicável as novas demandas da sociedade.

Essa busca por informações tem feito com que as pessoas diariamente procurem estar mais antenadas. A grande pergunta que fazemos é até que ponto necessitamos, de fato, de toda essa parafernália disponibilizadas pelas novas formas digitais. “Por que eu preciso

de um celular com 4.098 cores? Por que eu preciso de um mp3 que armazena 40.000 músicas, se não tenho tempo para escutar um CD inteiro? Por que tanta histeria em volta do iphone?”⁷. Por que ou para quê precisamos de um computador, um notebook, um telefone que manda e recebe e-mail se não temos tempo sequer para atualizar nossas páginas pessoais? O que dizer dos blogs, fotologs, second life, orkut, twitter e tantas outras redes sociais e ferramentas disponibilizadas na web?

Partindo do processo comunicativo oral de um-para-um (sem a utilização de instrumentos técnicos), onde a relação espaço/tempo se estabelecia no momento da transmissão da mensagem, com a chegada da escrita essa noção básica de sentido modificou-se, assim

[...] o tempo/espaço torna-se outro, a mensagem desassocia-se do sujeito que a criou e passa há ter um tempo e um espaço próprio e, assim, significado próprio. A informação passa a ser interpretada e reinterpretada diferentemente, pois seu significado não depende mais somente da transmissão direta e presencial do autor, mas também das variáveis de épocas e de contextos em que a obra está sendo lida, que, por sua vez, acabam influenciando na interpretação das pessoas (AGUIAR, 2009, web).

Quando incluirmos nesse cenário a comunicação massiva (o rádio, o cinema e a televisão) novas possibilidades descortinaram-se, e se estabeleceu um novo processo de um-todos, mas ainda não havia diálogo entre os interlocutores, uma vez que o processo era (é) unidirecional, sem interatividade, onde um centro de ocupa da transmissão para muitos receptores.

Mas adiante, como afirma Aguiar (2009, web), o advento da internet estabeleceu o que chamamos de comunicação digital e as relações espaço/tempo se modificaram novamente, criando a proposta de uma interação recíproca e do diálogo. Ou seja, é o processo todos-todos, ocorrendo em qualquer lugar e em qualquer tempo, utilizando os mais variados signos “(texto, som, imagem e vídeo, ao mesmo tempo ou isoladamente; os meios são novos (e-mail, chat, grupos de discussão etc.) e todos esses fatores acabam alterando o próprio conteúdo da mensagem transmitida)”.

Quando pensamos na definição básica da comunicação como um processo de troca entre indivíduos, envolvendo pelo menos uma fonte, um receptor, através de um canal,

⁷ Nota da autora: Disponível em gilgiardelli.wordpress.com, pesquisado em jun de 2009.

poderíamos, até bem pouco tempo atrás, dizer que estava estabelecido o processo de comunicação.

Na atualidade, com a combinação de zeros e uns, transformados em comunicação, pois adquire um significado quando decodificados, as possibilidades comunicativas se ampliaram, quer pela qualidade, velocidade ou mesmo interação que ocorre em todo o processo. “O indivíduo não fica somente no papel de receptor passivo, há a possibilidade de escolha, há decisões a serem tomadas” (AGUIAR, 2009, web). É a chegada da Era Digital.

Dos sinais de radiodifusão, passando pela evolução da televisão (cores, satélite, cabo, digital), com a chegada internet e da facilidade e a rapidez do acesso a informação propiciada por ela, é possível afirmar que houve uma mudança significativa no cenário comunicativo, quer dos veículos, quer do público (fonte e receptor). É uma nova geração de telespectadores, ouvintes, produtores, comunicadores, alguns nascidos na internet e vários crescendo digitais. E desta forma novas teorias e metodologias surgem para tentar explicar as rápidas e definitivas transformações da comunicação possibilitadas pelas tecnologias digitais.

Fruto da riqueza e da diversidade cultural, comunicacional e mesmo educacional, a tecnologia digital faz minar nossa visão de padronização, de igualdade, reinventando e recriando novas formas de administração do conhecimento. Esse novo olhar se contrapõe a cultura até então exercida pela sociedade de massa, criando múltiplas possibilidades de diversidade digital por um lado e por outro, fragmentando nossos olhares, permitindo que todos falem. Mas se todos falam quem escuta? Não há um canal de retorno. Então, é possível afirmar que vivemos em um grande monólogo, de um só sentido, um único fluxo, uma via de mão única onde a diversidade se camufla em ampliação de possibilidades, acesso aberto e visibilidade. Mas “(...) se há só monólogo, não há comunicação. É um *big brother* às avessas que vivemos” (MALINI, 2009, web).

Como afirma Malini (2009, Web),

Na verdade, se há um traço peculiar no interior da cultura digital é o fato dela nascer e se desenvolver para arrebentar, de uma vez por todas, qualquer resquício da cultura de massa. Em especial, fazer com que toda e qualquer tentativa de docilização dos corpos e mentes seja espinafurada através de mobilizações nas redes virtuais. (...) a internet é uma política contra o padrão e a favor das singularidades de expressões e de produções criativas, mesmo que essas expressões sejam para lá de questionáveis.

A grande espetacularização da diversidade da cultura digital cria a difusão de termos e a profusão de espaços, como blogues, podcasts, mídias sociais da Web 2.0, sites, onde os conceitos de público e privado se confundem como acessíveis, mas não torna comuns esses espaços de interação. Há uma aparente ampliação de acesso, fazendo com que haja quase que uma unanimidade sobre o aumento das audiências. Mas quando fazemos uma análise mais pormenorizada desse conceito, “(...) quando pensamos em uma comunidade no Orkut com 50 mil usuários”, isso não passa nem perto da audiência “televisiva, com seus milhões de espectadores”. Então, estamos falando de qual tipo de comunidade ou de ampliação de acesso? Ou podemos chamar esse ingresso das audiências nas tecnologias digitais de uma “nanoaudiência” se comparada com a mídia tradicional? (MALINI, 2009, web).

Essa crítica que cimenta a diversidade da cultura digital à cultura da fragmentação é repetida até pelos setores mais à esquerda da sociedade, que sonham com o eldorado das lutas de massa. Mas a diversidade é algo denso porque se trata de um conjunto de singularidades que não se resume ao Uno (o partido, o estado, o broadcasting etc). O diverso é muitos. É multidão. Daí que nosso caminho político seja agora criar a Televisão dos Muitos, a Internet dos Muitos, a Rádios dos Muitos, a Imprensa dos Muitos. Ultrapassar a fragmentação é criar plataformas onde os Muitos possam se auto-organizar, auto-reputar, auto-coordenar e realizar uma livre troca de saber. A questão mais difícil é que, para fazer isso, não há modelos a seguir. É preciso construí-los. Além disso, estamos no interior de um desafio de como tornar a diversidade das culturas da rede massificada sem os dispositivos da cultura de massa. Experiências como o *Overmundo*, *Digg* ou ainda *Slashdot*, são boas soluções já testadas que mostram como é possível agregar aquilo que está fragmentado e expor, numa plataforma comum, a diversidade a um número maior de pessoas. Mas a característica dessas soluções é que não há a mediação da autoridade. É um auto-governo. Pensar a ampliação da diversidade é investir no auto-governo. A diversidade é produto desses Muitos (MALINI, 2009, web).

Também, como afirma Fábio Malini⁸ (web, 2009), a cultura digital perpassa o nosso conhecimento e os conceitos de estado e de mercado, “porque é construída para ser comum, porque quer manter a ampliação da socialização dos conhecimentos e da cultura, a partir da abundância das trocas. Mas ela trata de um devir minoritário. Ela é a tendência, mas não a hegemonia”.

⁸ Nota da autora. MALINI, Fábio. Cultura Digital. Disponível em www.ciaris.org/community/blog/show/39, pesquisado em jun de 2009.

Assim, de acordo com Malini (web, 2006), é fundamental para um avanço realmente significativo do acesso, a manutenção e ampliação da diversidade cultural de nosso país, que ocorra:

[...] o estímulo à produção de ambientes agregadores da diversidade da cultura digital, mas que sejam criados e administrados pelos próprios usuários.

O estímulo à produção de mídias colaborativas em instituições de educação e cultura no sentido de ampliar a prática de expressão escrita, audiovisual e multimídia da cultura, como ainda produzir relacionamentos e redes sociais.

Acesso à infra-estrutura de acesso universal e gratuito à internet via banda larga como política de comunicação das cidades. Isso para ampliar que novos produtores de cultura possam disponibilizar suas criações no universo das redes digitais.

O estabelecimento de encontros (na forma de seminário, barcamp, workshop etc) para ocupar a cidade com conteúdos e linguagens provenientes da cultura digital, ao mesmo tempo, para reforçar a participação social nos espaços públicos da cidade.

Embora muitos estejam pesquisando, encontramos na web os mais variados sites e espaços de interatividade e ótimos textos que tratam dessa discussão, concordamos com um post de Naiane⁹ que o conceito de cultura digital ainda não está consolidado. Para ela “(...) aproxima-se de outros, como sociedade da informação, cibercultura, revolução digital, era digital. Cada um deles, utilizado por determinados autores, pensadores e ativistas, demarca esta época, quando as relações humanas são fortemente mediadas por tecnologias e comunicações digitais”.

Uma prova de que a preocupação com a cultura e o uso conjunto das tecnologias digitais, resultante no que chamamos de cultura digital perpassa a própria preocupação popular, governamental e econômica, foi a Convenção da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência, e a Cultura (UNESCO), sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais. O evento foi realizado em 20 de outubro de 2005 e foi um passo importante para colocar na pauta do dia questões sobre o respeito à diversidade cultural, além de trazer a campo algumas definições importantes sobre múltiplos conceitos culturais. Também ficou evidente que a cultura digital não fica restrita em alguns países considerados tecnologicamente desenvolvidos, mas é fruto da diversidade

⁹ Nota da autora: Disponível na web no endereço: <http://www.faracy.com.br/site/portfolio/>, pesquisado em jun de 2009

geográfica. Conhecida como Convenção da Diversidade¹⁰, o encontro possibilitou, entre outras coisas, a criação de políticas culturais específicas para atender as diversidades¹¹ culturais dos vários países, além de deliberar que "expressões culturais são aquelas que resultam da criatividade de indivíduos, grupos e sociedades e que possuem conteúdo cultural". Além disso, acreditamos ser importante mencionar que "todos os nove objetivos da Convenção da Diversidade (...) têm relação direta com o desenvolvimento atual da cultura digital" e são eles:

- a) proteger e promover a diversidade das expressões culturais;
- b) criar condições para que as culturas floresçam e interajam livremente em benefício mútuo;
- c) encorajar o diálogo entre culturas a fim de assegurar intercâmbios culturais mais amplos e equilibrados no mundo em favor do respeito intercultural e de uma cultura da paz;
- d) fomentar a interculturalidade de forma a desenvolver a interação cultural, no espírito de construir pontes entre os povos;
- e) promover o respeito pela diversidade das expressões culturais e a conscientização de seu valor nos planos local, nacional e internacional;

¹⁰ Paris - 21/10/2005. A Conferência Geral da UNESCO aprovou ontem (20/10) a Convenção Sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (...). O texto reforça o conceito incluído, em 2001, na Declaração Universal sobre Diversidade Cultural que passa a considerar a diversidade cultural como Patrimônio da Humanidade. A Convenção reafirma a relação entre cultura, desenvolvimento e diálogo e cria uma inovadora plataforma para uma cooperação cultural internacional. Para isso, o documento dá aos países o direito soberano de "elaborar políticas culturais com a finalidade de proteger e promover a diversidade de expressões culturais". Além disso, cria "condições para que a cultura floresça e interaja livremente de maneira a gerar benefícios mútuos". Este será um instrumento normativo internacional e valerá três meses após 30 Estados Membros ratificarem o documento. A decisão da Conferência contou com 148 votos a favor, dois contra e quatro abstenções. Com a entrada em vigor da Convenção, a UNESCO conta atualmente com um marco jurídico completo integrado por sete convenções* que englobam a diversidade cultural em seu conjunto, e mais concretamente dois pilares essenciais da cultura: o patrimônio material e imaterial e a criação contemporânea.* Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (2005); Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (2003); Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Cultural Subaquático (2001); Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural (1972); Convenção sobre as medidas que devem ser adotadas para proibir e impedir a importação, a exportação e a transferência de propriedades ilícitas de bens culturais (1970); Convenção para a Proteção dos Bens Culturais em caso de Conflito Armado (1954); e Convenção Universal sobre Direito de Autor (1952 e 1971). Disponíveis em: <http://www.brasilia.unesco.org/noticias/ultimas/diversidade%20cultural> e <http://www.brasilia.unesco.org/noticias/ultimas/diversidade>, pesquisado em jun de 2009.

¹¹ Nota da autora. Segundo a Convenção da Unesco, "diversidade cultural refere-se à multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades encontram sua expressão. Tais expressões são transmitidas entre e dentro dos grupos e sociedades. A diversidade cultural se manifesta não apenas nas variadas formas pelas quais se expressa, se enriquece e se transmite o patrimônio cultural da humanidade mediante a variedade das expressões culturais, mas também através dos diversos modos de criação, produção, difusão, distribuição e fruição das expressões culturais, quaisquer que sejam os meios e tecnologias empregados." Disponível em <http://diversidadedigital.blogspot.com/>, pesquisado em jun de 2009.

- f) reafirmar a importância do vínculo entre cultura e desenvolvimento para todos os países, especialmente para países em desenvolvimento, e encorajar as ações empreendidas no plano nacional e internacional para que se reconheça o autêntico valor desse vínculo;
- g) reconhecer a natureza específica das atividades, bens e serviços culturais enquanto portadores de identidades, valores e significados;
- h) reafirmar o direito soberano dos Estados de conservar, adotar e implementar as políticas e medidas que considerem apropriadas para a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais em seu território;
- i) fortalecer a cooperação e a solidariedade internacionais em um espírito de parceria visando, especialmente, o aprimoramento das capacidades dos países em desenvolvimento de protegerem e de promoverem a diversidade das expressões culturais.

Em outro aspecto não podemos deixar de considerar que a cultura digital propicia novas oportunidades, descortina novas culturas e estende o acesso para as camadas excluídas da população de uma gama de possibilidades. Assim, amplia significativamente as formas de conhecimento e de participação no cenário cultural do país através da apropriação de tecnologias, utilizadas como ferramentas de produção cultural, sejam elas colaborativas, interativas ou simplesmente de divulgação. Não podemos deixar de reconhecer que a web possibilitou a alfabetização cultural para além do simples conhecimento de softwares, hardwares e dos conceitos básicos de informática.

Só é possível entender a revolução das tecnologias digitais pelo prisma cultural. Nesse ângulo, o que enxergamos é que a convergência das tecnologias digitais obedece a um novo paradigma no qual o digital é ferramenta desencadeadora. O paradoxo é que se a tecnologia digital foi desenvolvida para atender a voracidade dos lucros sempre infinita na sociedade de consumo, ela traz a tona mudanças radicais em todos os setores da sociedade humana. Altera dos valores básicos do século XX. O mundo na era digital é um outro mundo. A lógica industrial já não se sustenta mais. O telefone celular, por exemplo, que hoje pesa 100 gramas, é uma câmera fotográfica, uma câmera de vídeo, uma TV portátil, um repositório de milhares de horas de música, uma agenda pessoal, e tudo isso com acesso a internet, além de ser um telefone. (PRADO, YouTube, 2009).

Assim, mais do que simplesmente navegarmos pelas possibilidades ofertadas pelas tecnologias digitais é necessário pensar em outros espaços, que direta ou indiretamente estão sendo influenciados por ela.

Considerações finais

É fato a presença da tecnologia digital nos múltiplos espaços, nos mais diversos ambientes, cada vez mais notadamente na comunicação, na cultura e na educação.

Em uma sociedade pautada na desigualdade não há possibilidade em se construir um modelo único e ideal de educação, tão pouco definir formas únicas de preservação e difusão cultural. Assim as tecnologias como mediadoras das relações possibilitam, de alguma forma, a promoção e a inclusão social para um contingente maior da população, esmo que isso ainda não seja real em termos quantitativos. A educação percebida como uma dimensão social, no contexto atual delinea um sujeito com autonomia, com reflexão crítica e com possibilidade de edificar seu conhecimento, criando mecanismos comunicativos capazes de divulgar e promover sua cultura.

Podemos afirmar que estamos diante de uma nova realidade, uma nova postura, uma nova maneira de utilizarmos os recursos tecnológicos a serviço da sociedade, promovendo a educação, a inclusão e criando uma sociedade mais próxima de ser igualitária.

Referências

AGUIAR, Giseli Adornato de. A comunicação na era digital. IN: **Vox Scientiae**. Produto do Núcleo José Reis de Divulgação Científica da ECA/USP - São Paulo - Janeiro/Fevereiro de 2009 - Ano 9- Nº48. Disponível em http://www.eca.usp.br/njr/voxscientiae/giseli_adornato_aguiar_38.htm, pesquisado em jun de 2009.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. Campinas: Autores Associados, 1999.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis de (org.) **Por uma outra comunicação**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GOBBI, Maria Cristina; TONIAZZO, Gladis Salete Linhares; BRITO, Cláudia Regina de. **Tecnologia eletrônica nos conteúdos educacionais**: outros espaços. Trabalho apresentado no Lusocom 2009, realizado na Ilha da Madeira, em Portugal.

MALINI, Fábio. **Cultura digital: para além da fragmentação**. Disponível em <http://diversidadedigital.blogspot.com/2007/06/cultura-digital-para-alm-da-fragmentao.html>, pesquisado em jun de 2009.

MORAN, José Manoel. **Mudanças na comunicação pessoal, gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica**. São Paulo: Paulinas. 1998.

PRADO, Claudio. Coordenador de Políticas Digitais do Ministério da Cultura. Vídeo Clip Conhecimentos digitais, disponível do YouTube. <http://www.youtube.com/watch?v=sFb1n-8LJPA>, pesquisado em jun de 2009.

RAVACHE, Guilherme. **A terceira geração da web.** Na nova internet, os computadores poderão compreender o significado de textos e imagens para adivinhar o que você quer. In: Revista Época de 16/04/2007, Ed. nº 465, disponível na web em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG77010-6014,00.html>, pesquisada em jun de 2009

SANTOS, aparecida Ribeiro dos; MENDOZA, Babette de Almeida Prado. Saúde na Internet – a síndrome de Angelman. Disponível em: http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_saude/artigo10.php, acesso em jun de 2012.

TAPSCOTT, Don. **Geração digital.** A crescente e irreversível ascensão da Geração Net. São Paulo: Makron Books, 2001.

TAPSCOTT, Don. **Growing Up Digital.** The rise of the Net Generation. McGraw-Hill, 1999.

ZUFFO, João Antônio. **A infoera.** O imenso desafio do futuro. São Paulo: Saber, 1997.